

A GEOLOGIA NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA: DIALÓGOS FUNDAMENTAIS PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Temática: Educación geográfica.

Márcia Eliane Silva CARVALHO

Profª Drª do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe / Sergipe / Brasil

marciacarvalho@ufs.br

Resumo

Na atualidade, o graduando em Geografia depara-se com uma realidade multifacetada, globalizada e tecnológica, na qual necessita (re)criar formas de despertar nos seus futuros educandos o interesse e a importância da Geografia. No entanto, são encontradas diversas dificuldades de atingir estes objetivos, principalmente na área física. Neste contexto, este trabalho apresenta um relato de experiência ministrando a disciplina de Geologia Geral para graduandos em Geografia, cujo objetivo é apresentar diálogos no campo da Geografia Física a partir do ensino de Geologia. Trata-se de uma proposta didática de ensino de Geologia a qual permite realizar extrapolações da teoria para a prática, através de estudos de campo sobre Geologia em Sergipe. As atividades teóricas e práticas envolvem a compreensão da dinâmica da crosta terrestre ao longo do tempo geológico no estado, com a identificação de diferentes tipos de rochas e seus usos econômicos pela sociedade, possibilitando ao graduando ser sujeito ativo do conhecimento. A disciplina é ofertada no primeiro período do curso de Geografia, totalizando sessenta horas de atividades. A proposta metodológica abrange 40 horas dedicadas aos conhecimentos básicos em Geologia; 05 horas dedicadas a pesquisas de temas específicos associados ao estudo geológico de Sergipe; 10 horas dedicadas ao campo e 5 horas para elaboração, apresentação e socializados dos resultados de todo o trabalho desenvolvido. Esta proposta foi desenvolvida nos anos de 2008, 2010, 2011 e 2014 no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, totalizando 240 alunos. Em campo é utilizado o mapa geológico do estado, coleta de rochas, uso do GPS, bússola, máquina fotográfica, gravador, caderneta de campo. A caracterização geológica da Bacia Sedimentar de Sergipe-Alagoas, da Faixa de Dobramento Sergipana e do Embasamento Gnáissico, permite identificar rochas sedimentares e metamórficas, sendo que o roteiro perfaz um total de doze pontos. Esta proposta de trabalho permite ao graduando compreender as inter-relações entre Geologia e Geografia desmistificando as dificuldades em aprender e ensinar Geologia. Permite ainda compreender que a Geografia Física, tomando como base a Geologia, pode ir além do livro didático, pois o aluno vivencia o conhecimento geológico em seu espaço geográfico podendo utilizar estes saberes em sua futura carreira docente na educação básica, podendo vir a contribuir para fortalecer o importante papel da Geologia na análise geográfica.

Palavras-Chave: Ensino de Geologia – Geografia Física - Geologia de Sergipe – Educação Geográfica

Resumen

Actualmente, el graduado en Geografía se enfrenta a una realidad multifacética, global y tecnológico, que exige la (re) crear formas de fomentar en sus estudiantes de interés futuro y la importancia de la geografía. Sin embargo, se encuentran diversas dificultades para lograr estos objetivos, especialmente en el área física. En este contexto, este trabajo presenta un relato de experiencia dando conferencias General de Geología para los estudiantes de Geografía, cuyo objetivo es presentar los diálogos en el campo de la geografía física de la Geología de la educación. Se trata de una propuesta didáctica Geología de enseñanza que permite la extrapolación de la teoría

a la práctica, a través de estudios de campo de la Geología en Sergipe. Las actividades teóricas y prácticas implican la comprensión de la dinámica de la corteza de la Tierra a través del tiempo geológico en el estado, con la identificación de los diferentes tipos de rocas y sus usos económicos de la sociedad, permitiendo a la que se graduó en tomar un conocimiento activo. El curso se ofrece en el primer curso de Geografía de la época, por un total de sesenta horas de actividades. La metodología abarca 40 horas dedicadas a los conocimientos básicos en geología; 05 horas dedicadas a la investigación temas específicos relacionados con el Servicio Geológico de Sergipe; 10 horas dedicadas al campo y 5 horas para la preparación, presentación y socializaron los resultados de todo el trabajo realizado. Esta propuesta fue desarrollada en 2008, 2010, 2011 y 2014 en el Departamento de Geografía de la Universidad Federal de Sergipe, con un total de 240 estudiantes. En campo se utiliza el mapa geológico del estado, rocas de recogida, uso de GPS, brújula, cámara, grabadora, cuaderno de campo. La caracterización geológica de la cuenca sedimentaria de Sergipe-Alagoas, Sergipe gama de plegado y gnéssica Sótano permite identificar sedimentarias y metamórficas, y el guión hace un total de doce puntos. Esta propuesta de trabajo permite a los graduados para comprender las interrelaciones entre la Geología y Geografía desmitificar las dificultades en el aprendizaje y la enseñanza de la Geología. También permite entender que la Geografía física, basada en la geología, se puede ir más allá del libro de texto, porque el estudiante experimenta el conocimiento geológico en su espacio geográfico que puedan utilizar este conocimiento en su futura carrera docente en la educación básica y podría contribuir a fortalecer el papel de la geología en el análisis geográfico.

Palabras clave: Geología de enseñanza - Geografía Física - Geología de Sergipe - Educación Geográfica

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o graduando em Geografia depara-se com uma realidade multifacetada, globalizada e tecnológica, na qual necessita (re)criar formas de despertar nos seus futuros educandos o interesse e a importância da Geografia. No entanto, são encontradas diversas dificuldades de atingir estes objetivos, principalmente na área física.

Ao mesmo tempo, mudanças de cunho técnico-informacional despertam nos discentes o interesse por outras linguagens para além da oral e escrita, a exemplo do mundo interativo dos celulares e Internet que envolvem os jovens em viagens instantâneas, demonstrando a necessidade da escola de rever seus conteúdos e métodos.

A linguagem do jovem, marcada pelo mundo cibernético, torna-se muito distante da linguagem escolar, caracterizada pelo “(...) discurso linear e sequenciado presente nos textos escolares, na organização didática das aulas, na lógica que preside a organização das disciplinas e da maioria das atividades vivenciadas no espaço escolar” (KENSKI, 2000, p. 131).

A escola então é chamada a refletir sobre esta realidade multifacetada, embora as contradições no âmbito escolar ainda sejam evidentes, como apontam Nunes e Rivas (2009, p.91):

A ‘velha’ linguagem (escolar) passou a ser ocupada por uma nova linguagem, onde palavras de ordem como interdisciplinaridade, projetos, linguagem contextualizada e reflexiva passaram a ordem do dia, porém, com processos

metodológicos da educação tradicional que continuam a priorizar metodologias e conteúdos fragmentados em sala de aula.

A Geografia escolar não foge a esta realidade, sendo múltiplos os desafios entre o que o professor pretende e o que deseja o aluno. O ensino desta ciência deve permitir ao alunado a compreensão do seu espaço enquanto produção social, extrapolando do local para entender as relações globais.

Para tal, vale citar Kimura (2008), ao sinalizar a importância de um ensino reflexivo, do fazer-pensar o qual necessita fazer uso de diferentes métodos e técnicas de fácil acesso que possibilite associar conteúdo e prática em um processo educativo comprometido com a formação geográfica.

Ainda deve-se ressaltar que o processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar o despertar dos diferentes sentidos dos educando associados à atividade intelectual (CHARLOT, 2005).

Colaborando com este pensar, Guimarães (2007) nos leva a refletir que o próprio cotidiano permite ao docente a oportunidade de organizar explorações geográficas visando associar teoria e práxis.

Estas reflexões apresentam um maior aprofundamento no momento em que sujeito encontra-se em processo de formação no ensino superior e/ou na formação continuada. Neste contexto, este trabalho apresenta um relato de experiência ministrando a disciplina de Geologia Geral para graduandos em Geografia da Universidade Federal de Sergipe/SE/BR. Trata-se de uma proposta didática de ensino de Geologia a qual permite realizar extrapolações da teoria para a prática, através de estudos de campo sobre Geologia em Sergipe durante o qual são abordados conceitos geológico-geomorfológicos permitindo ampliar o diálogo na Geografia Física a partir do ensino de Geologia.

A disciplina é ofertada no primeiro período do curso de Geografia, totalizando sessenta horas de atividades. A proposta metodológica abrange 40 horas dedicadas aos conhecimentos básicos em Geologia Geral; 05 horas dedicadas a pesquisas de temas específicos associados ao estudo geológico de Sergipe; 10 horas dedicadas ao campo e 5 horas para elaboração, apresentação e socializados dos resultados de todo o trabalho desenvolvido. Esta proposta foi desenvolvida nos anos de 2008, 2010, 2011 e 2014 no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, totalizando 240 alunos.

O arcabouço teórico foi baseado em artigos científicos, bem como nas seguintes publicações: CPRM, 2002; EMBRAPA, 2012; GUERRA, 2005; POPP, 2004; SANTOS, 2001; TEIXEIRA, 2001.

As atividades teóricas e práticas envolveram a compreensão da dinâmica da crosta terrestre ao longo do tempo geológico no referido Estado, com a análise do arcabouço geológico do Estado em diferentes seções geológicas, além de permitir a identificação de diferentes tipos de rochas e seus usos econômicos pela sociedade, possibilitando ao graduando ser sujeito ativo do conhecimento. Além do aporte geológico, são realizadas análises no recorte espacial de estudo relacionados com a aspectos climáticos, geomorfológicos, pedológicos, biogeográficos e econômicos, buscando desenvolver um olhar integrado das subáreas da Geografia Física.

Em campo foi realizada a análise empírica, buscando correlacionar os dados coletados *in situ* com os referenciais teóricos abordados / discutidos em sala. É utilizado o mapa geológico do estado, coleta de rochas, uso do GPS, bússola, máquina fotográfica, gravador, caderneta de campo. Posteriores ao campo são realizados debates, pesquisas em artigos e livros científicos com elaboração de relatório.

DIÁLOGOS ENTRE A GEOLOGIA E A GEOGRAFIA

A ementa da disciplina de Geologia Geral para a graduação em Geografia apresenta os seguintes pontos a serem trabalhados: Introdução e natureza do conhecimento geológico, subdivisões e princípios fundamentais. Metodologias investigativas da superfície e interior do planeta. Estrutura e dinâmica interna e externa da Terra. Tectônica de placas: teorias e evolução. Terremotos e vulcanismos. Minerais. Origem e classificação das rochas. Água subterrânea. Escala do Tempo Geológico. Recursos Minerais e Energéticos. Ciclo Hidrológico. Intemperismo e erosão. Além destes pontos, são acrescentados os seguintes temas: Ação geológica da água (rios, mares e glaciares), dos ventos. Movimentos de massa. Geologia e Meio Ambiente. Geologia de Sergipe.

Especificamente sobre Geologia de Sergipe, realiza-se a caracterização geológica da Bacia Sedimentar de Sergipe-Alagoas e Tucano, da Faixa de Dobramento Sergipana e do Embasamento Gnáissico, que permite identificar as diferentes eras nas quais foram depositadas e os diferentes tipos de rochas sedimentares e metamórficas.

O roteiro de campo perfaz um total de 7 pontos, recortando do litoral até o sertão sergipano, nos quais é realizada a caracterização dos condicionantes ambientais nos seguintes recortes: Formações Superficiais; Faixa de Dobramentos Sergipana; Embasamento Gnáissico; Bacia de Sergipe/Alagoas e Bacia de Tucano (Figuras 01 e 02)



Figura 01 – Roteiro de Campo. Sergipe.
Organizado por Heleno Macedo (2014). Fonte: SRH (2013).

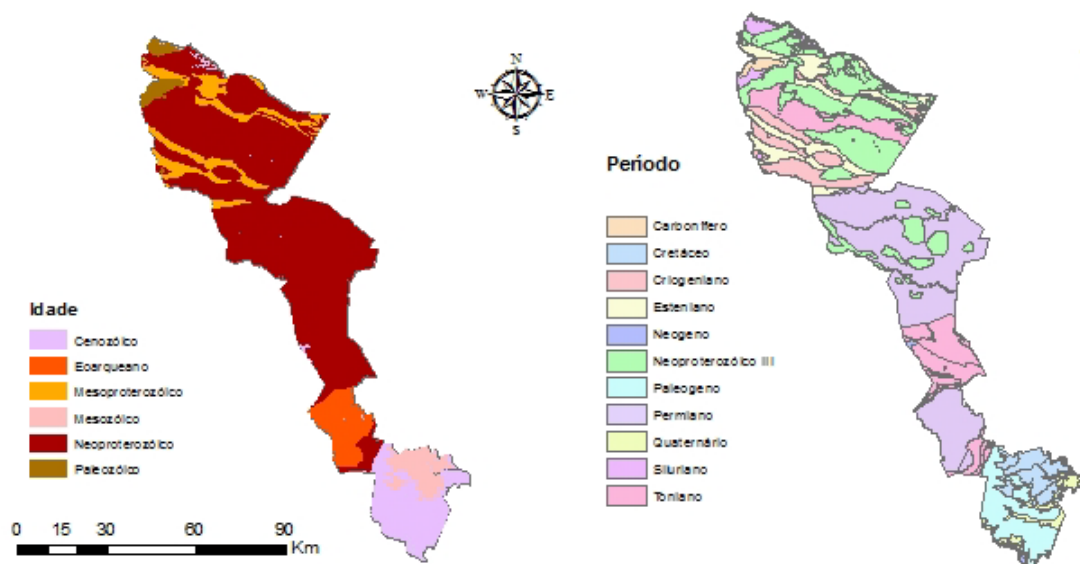


Figura 02 - Idades Geológicas associadas ao Roteiro de Campo
Organizado por Heleno Macedo (2014). Fonte: SRH (2013)

O 1º ponto envolve as Formações Superficiais e a Bacia Sedimentar SE/AL, visualizadas e analisadas na BR 235 (próximo a Fazenda Boa Luz). Neste ponto, é identificado o Barreiras recobrimdo a Formação Cotinguiba, expostos em um afloramento no município de Laranjeiras. O entorno deste afloramento a atividade econômica predominante é a produção da cana-de-açúcar. As rochas identificadas nesta localidade são classificadas como sedimentares.

Este município apresenta tipo climático Megatérmico Seco e Sub-úmido, com médias anuais de temperatura de 25,2° C, precipitação média no ano de 1.279,3mm, com período chuvoso de março a agosto. O relevo engloba superfícies dissecadas em colinas, cristas e interflúvios tabulares, além da Planície Litorânea do tipo flúvio-marinha e fluvial. Os solos estão representados pelo Argissolo Vermelho Amarelo, Brunizem Avermelhado, Argissolo Vermelho Amarelo Equivalente Eutrófico, Hidromórficos e Indiscriminados de Mangues. A vegetação está caracterizada por Campos Limpos, Campos Sujos e Matas, entremeada por cultivos agrícolas.

Em termos geológicos, cerca de 65% da área do município é ocupada por sedimentos mesozóicos da Bacia de Sergipe, relacionados à Formação Cotinguiba (calcilitos cinzentos, maciços ou estratificados, argilitos cinzentos a verde, folhelhos castanhos e margas amareladas e à Formação Riachuelo (arenitos, siltitos, folhelhos, calcários, calcarenitos, calcirruditos, dolomitos com níveis de arenito e folhelho cinzentos interestratificados). Os 35% restantes é dominado pelos litótipos do Grupo Barreiras (areias finas e grossas com níveis argilosos e conglomeráticos), e por depósitos aluvionares, coluvionares e depósitos de pântanos e mangues atuais (CPRM, 2002).

O 2º ponto localiza-se no município de Areia Branca, no qual se identifica uma Falha Geológica (Falha de Propriá), popularmente conhecida como Ladeira do Cafuz. Neste ponto, são explorados os diversos tipos de falhas abordados na literatura e os aspectos geológicos relacionados com sua gênese e evolução. Este ponto representa o limite entre a Bacia Sedimentar e a Faixa de Dobramentos Sergipana.

O 3º ponto também se localiza neste município, representando o limite entre o Litoral Úmido e o Agreste do interior Sergipano. Abrange a Faixa de Dobramentos Sergipana e nesta localidade são realizadas explanações e análises sobre as formas de relevo, com destaque para a Serra Comprida, na qual são realizadas lavras de sedimentos (Areias Quartzosas) associadas ao quartzito.

No computo geral, abrangendo os conhecimentos associados à geologia local, são explorados outros condicionantes ambientais da localidade. O clima é do tipo Megatérmico Seco a Sub-úmido, precipitação pluviométrica média anual de 1200,0mm com temperatura média anual de 24,0°C com período chuvoso de março a agosto. O relevo é representado por feições dissecadas nas formas de colinas, cristas e superfícies tabulares com bordas erosivas. Predominam os Argissolos

Vermelho Amarelo e os Neossolos Litólicos Eutróficos, com vegetação de capoeira, campos limpos/sujos e caatinga.

O contexto geológico do município é diversificado, englobando os sedimentos cenozóicos das Formações Superficiais Continentais, a Bacia Sedimentar Mesozóica e os domínios neo a mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana e arqueano a paleoproterozóico do Embasamento Gnáissico.

A oeste, afloram ortognaisses, gnaisses, migmatitos, anfibolitos e gabros do Complexo Gnáissico-Migmatítico relacionados ao Domo de Itabaiana; argilitos, siltitos, arenitos finos e conglomerados da Formação Lagarto (Grupo Estância); filitos, metagrauvas, metargilitos, metavulcanitos e metaconglomerados da Formação Ribeirópolis (Grupo Miaba); calcários, dolomitos, metapelitos e metacherts das formações Olhos d'Água (Grupo Vaza-Barris) e Jacoca (Grupo Miaba). Na faixa central, ocorrem filitos, metagrauvas, metarenitos e metarritmitos da Formação Frei Paulo (Grupo Simão Dias), e metarenitos, metagrauvas e metassiltitos pertencentes ao Grupo Simão Dias Indiviso. A leste, afloram arenitos com intercalações de siltitos, folhelhos e calcários da Formação Riachuelo (Grupo Sergipe); areias finas e grossas com níveis argilosos a conglomeráticos do Grupo Barreiras e depósitos aluvionares, coluvionares e coberturas terrígenas arenosas mais recentes (CPRM, 2002).

O 4º ponto, adentrando o Agreste Sergipano, localiza-se no município de Itabaiana. O contexto geológico do município abrange, basicamente, o Embasamento Gnáissico (Arqueano a Paleoproterozóico), abrangendo a Serra de Itabaiana e demais Serras residuais do entorno do Domo Dissecado; e o domínio Neo a Mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana. Cerca de 80% da área, é ocupada por ortognaisses, gnaisses bandados e migmatitos do Complexo Gnáissico-Migmatítico do Domo Itabaiana. No extremo norte, afloram argilitos, siltitos, arenitos e conglomerados da Formação Lagarto (Grupo Estância), calcários, dolomitos, metapelitos e metacherts da Formação Olhos d'Água (Grupo Vaza-Barris) e filitos, metagrauvas, metarritmitos, metargilitos, metavulcanitos e metaconglomerados das Formações Frei Paulo (Grupo Simão Dias) e Ribeirópolis (Grupo Miaba). A sul ocorrem pequenas exposições de litótipos da Formação Lagarto, e também estreita faixa de depósitos aluvionares e coluvionares arenosos e argilo-arenosos, com níveis de cascalho localizados (CPRM, 2002).

O município está parcialmente inserido no polígono das secas, com clima do tipo Megatérmico seco e sub-úmido, temperatura média anual de 24,7° C, precipitação pluviométrica média no ano de 858,5mm e período chuvoso de março a agosto.

Em decorrência dos fatores endógenos e exógenos, o relevo deste município é representado pela superfície pediplanada com dissecação tabular, com aprofundamento de drenagem muito fraca. Os solos são dos tipos Planossolo, Argissolo Vermelho Amarelo Equivalente

Eutrófico, Litólico e Eutrófico Distrófico, cobertos por uma vegetação de Capoeira, Caatinga, manchas de Cerrado (geralmente do tipo secundário), entrecortada pela produção de hortifrutis, dada a presença de Perímetros Irrigados na localidade (Ribeira e Jacarecica).

Nas proximidades do Perímetro da Ribeira, também se localizam várias pedreiras para exploração do granulito quartzito. A rocha geralmente é implodida e processada dando origem a vários tipos de brita, pedra para alicerce e grandes fragmentos para construção de molhes. A maior parte da produção é destinada ao mercado interno. Se ocorrer agendamento prévio em uma das pedreiras, os alunos são acompanhados pelo técnico responsável e aprendem todo o processo desde a lavra até o produto final. Em termos ambientais, ainda há a necessidade de aplicação da legislação ambiental em sua totalidade, pois as áreas não mais exploradas são abandonadas, não havendo um plano de recuperação da mesma.

Adentrando a Faixa de Dobramentos Sergipana, o 5º ponto, localizado no município de Nossa Senhora da Glória, apresenta, associado com a geologia e hidrogeologia local, aspectos climáticos, litológicos e de cobertura vegetal bastante diferenciados da faixa litorânea sergipana.

O município está incluído no Polígono das Secas, com clima do tipo megatérmico semiárido, temperatura média anual de 24,2° C, precipitação pluviométrica média no ano de 702,4mm e período chuvoso de março a agosto. O relevo é caracterizado por uma superfície pediplanada e dissecada, com formas do tipo colina e tabuleiros, e aprofundamento de drenagem muito fraco. Predominam os Argissolos Vermelho Amarelo Equivalente Eutrófico, Neossolos Litólicos Eutróficos e o Planossolo. A vegetação é típica da Caatinga, Campos Limpos, Campos Sujos e vestígios de Mata de capoeira.

Em termos geológicos predominam os domínios neo e mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana. Mais de 80% do território é ocupado por litótipos do Grupo Macururé, representado em sua maior parte por micaxistos granatíferos seguidos de metarritmitos, metavulcanitos, metagrauvas, metarenitos finos e metassiltitos maciços. Associados ao Grupo Macururé, ocorrem por toda a região, corpos de granitos, granodioritos e monzonitos do tipo Glória (CPRM, 2002).

No Povoado São Clemente aflora o Batólito de Glória, no qual são realizadas explanações sobre sua gênese, associados com os processos de intemperismo físico e químico existentes no local, bem como as formas de utilização da parte exposta pela comunidade.

O 6º ponto está representado pelos campos de matações no município de Poço Redondo, geologicamente representado predominantemente por litótipos dos domínios neoproterozóico e mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana.

No extremo norte, ao longo do Rio São Francisco, ocorrem pequenas manchas de depósitos aluvionares. Na porção norte, afloram leucogranitos (Granitóides tipo Xingo), dioritos,

granitos e monzonitos (Granitóides tipo Curralinho), ortognaisses graníticos (Granitóides tipo Garrote), e gabros, microgabros, diabásios, troctolitos e ultramafitos da Suíte Intrusiva Canindé. Na região central do município, predominam granitos e granodioritos tipo Glória, migmatitos, anfíbolitos, paragnaisses e biotita-xistos do Complexo Migmatítico de Poço Redondo, biotita-granodioritos (tipo Propriá) e metabasaltos, metarritmitos, ultramafitos, metavulcanitos, mármore, quartzitos, metabasaltos, metatufos, e rochas calcossilicáticas do Complexo Canindé. Na porção sul, afloram predominantemente augen-granodioritos e quartzo-monzonitos gnáissicos do tipo Serra Negra, ao lado de filitos, metassiltitos, anfíbolitos, xistos, metarriolitos, latitos, mármore, ultramafitos, metaconglomerados milonitizados e metabasitos do Complexo Marancó (CPRM, 2002).

A exemplo do município de Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo está inserido no polígono das secas. Seu clima é caracterizado como megatérmico semiárido, temperatura média anual de 25,2°C, precipitação pluviométrica média no ano de 605,2mm e período chuvoso de março a julho. O relevo é representado por superfícies pediplanadas e dissecadas, em formas de colinas e tabuleiros, com aprofundamento de drenagem de muito fraca a fraca. Predominam os Planossolos, Regossolos Distrófico, Bruno não Cálcico e os Neossolos Litólicos Eutróficos. A vegetação é típica do semiárido, na qual a Caatinga Arbustiva e Arbórea predominam.

O 7º ponto é denominado Vale dos Mestres, localizado no município de Canindé do São Francisco, pertencente à Bacia do Tucano Norte, especificamente com a formação Curitiba (arenitos, folhelhos, cacários e diamictitos), sedimentos paleozóicos. Neste ponto visualizam-se formações esculpidas pelo intemperismo no Arenito. Ainda pertencentes ao paleozoico, em pequenas faixas nos extremos NW, W e SW, afloram ainda as formações Santa Brígida (arenitos, folhelhos, carbonatos e silexitos) e Tacaratu (arenitos finos a conglomeráticos e conglomerados).

No restante do município, mais de 90% do território, está inserido no domínio neo a mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana. Neste domínio, as litologias predominantes incluem granitóides, gabros, gnaisses, migmatitos, anfíbolitos, xistos, metamafitos/ ultramafitos, quartzitos, filitos, mármore e metaconglomerados.

Também compondo o quadro doo polígono das secas em Sergipe, Canindé tem um clima do tipo megatérmico árido, temperatura média no ano de 25,8°C, precipitação pluviométrica média anual de 485,5mm e período chuvoso de março a julho. Em termos geomorfológicos predomina a superfície Pediplanada e Dissecada, com Colinas e aprofundamento de drenagem muito fraco. Os principais tipos de solos são Bruno não Cálcico, Planossolo, Rego Sol Distrófico e Neossolos Litólicos Eutróficos, cobertos por uma vegetação de Capoeira e Caatinga.

Em todos estes pontos são realizadas explorações, análises, comparações, anotações e registros iconográficos, visando integrar os dados teóricos com a prática no campo, com posterior pesquisa de gabinete para complementar os dados em análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos as considerações de Kaercher (1998, p.13) ao abordar a Geografia como sendo parte do nosso dia-a-dia, que pode proporcionar aos alunos a reflexão sobre o fazer e o ensinar Geografia: “A Geografia existe desde sempre; e nós a fazemos diariamente”. É necessário superar “com aquela visão de que Geografia é algo que só vemos em sala de aula”.

Assim sendo, o próprio espaço do aluno é fonte de ricas informações e descobertas que podem e devem estar associadas ao ensino de Geografia. Este é outro entendimento fundamental na construção de uma prática pedagógica reflexiva.

Esta proposta de trabalho permite ao graduando compreender as inter-relações entre Geologia e Geografia desmistificando as dificuldades em aprender e ensinar Geologia. Permite ainda compreender que a Geografia Física, tomando como base a Geologia em associação com a Climatologia, Biogeografia, Pedologia e Geomorfologia, podem estar integradas e ir além do livro didático, pois o aluno vivencia o conhecimento integrado em seu espaço geográfico podendo utilizar estes saberes em sua futura carreira docente na educação básica, podendo vir a contribuir para fortalecer o importante papel da Geografia Física na formação docente/discente.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005
- CPRM. **Cadastro de Infraestrutura Hídrica do Nordeste**: Diagnóstico dos municípios sergipanos. SEPLANTEC/SERGIPE: Aracaju, 2002.
- EMBRAPA. **Proposta de atualização da segunda edição do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2012.
- GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GUIMARÃES, IARA. Ensino de Geografia, Mídia e Produção de Sentidos. **Terra Livre**. Presidente Prudente, v. 1, n. 28, p. 1 – 28. Jan- Jun/2007.
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre:AGB, 1998, p. 13-24.

KENSKI, Vani Moreira. Múltiplas Linguagens na Escola. *In*: CANDAU, Vera Maria. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.123-140.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

NUNES, Camila Xavier; RIVAS, Carmem L.F. Razoni. Novas linguagens e práticas interativas no ensino de Geografia. **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina**. Montevideo. Uruguai. 2009. Disponível: www.egal2009.com.

POPP, J.H. **Geologia Geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

SANTOS, Reginaldo Alves dos; et al. (orgs.). **Levantamento Geológico do Estado de Sergipe**. Brasília: CPRM/DIEDIG/DEPAT; CODISE, 2001.

SRH. Superintendência de Recursos Hídricos. **Atlas de Recursos Hídricos**. SEMARH: Sergipe, 2012.

TEIXEIRA, Wilson. **Decifrando a Terra**. São Paulo, Oficina dos Textos, 2001.